

OMI

NIOS



GABRIEL ELGARIN

Gabriel Elcain

Omi Nios

A Guerra da Recriação

Dedicatória

Agradeço a todos que me apoiaram, especialmente aos que leram, opinaram, criticaram e deram ideias, me ajudando a chegar até aqui. Para não mencionar todos os nomes, já que seriam muitos, deixo aqui o meu sincero obrigado a vocês que contribuíram na produção e publicação desta obra.

E o único nome que não poderia deixar de mencionar aqui:
Dometila Elcain, obrigado por acreditar em mim.

A GUERRA

Terra, um pequeno planeta da Via Láctea, dotado de grande beleza e riquezas naturais, tornou-se o abrigo para uma espécie que ao longo das eras perdeu as habilidades e conhecimentos de suas primeiras linhagens, os afastando do universo além das fronteiras de seu mundo.

Por gerações, permaneceram em paz, enfrentando apenas os conflitos iniciados por seus semelhantes. Não eram um obstáculo, não representavam ameaça, mas para eles, o fim chegaria de forma brutal.

Vítimas de uma fúria implacável, os *humanos* foram subitamente atacados por seres de outros mundos, e apenas um instante foi o necessário para serem completamente aniquilados.

Para outros mundos, não foi diferente. O mesmo cenário tomou lugar através das galáxias, em todos os cantos do universo, levando inúmeros mundos a sucumbir pelas mãos do mesmo inimigo.

Ao compreenderem o que estava para começar, nações, raças e espécies por todo o universo foram preenchidas por medo, desespero, e uma ansiedade sufocante. A única forma de garantir a sua sobrevivência era lutar, e resistir até o último suspiro.

O confronto foi batizado de “Omi Nios”: A Guerra da Recriação.

CAPÍTULO 1

A NOVA HUMANIDADE

A Via Láctea, em sua era de ouro, esteve ocupada por outras espécies, no entanto, muitas emigraram para outras galáxias, buscando por novos mundos. O sistema solar foi se tornando inabitado, isolado do restante do universo e, com o massacre dos humanos, tornou-se uma zona neutra ao início da Oitava Conflagração.

Distante do conflito foi colocada sob a jurisdição da organização política e militar que representava a aliança entre as nações que buscavam reconquistar a paz, a Assembleia Metatron. Decidiram que ali seria reunida uma nova tropa de guerrilheiros independentes.

Nomeada de Signios, os nobres cavaleiros da esperança estavam de portas abertas para receber todos que desejassem lutar, além de oferecer refúgio para os que perderam o lar. Sem importar espécie ou raça, todos eram bem-vindos. Era o lugar ideal para recomeçar.

Para os poucos humanos que haviam sobrevivido, não foi diferente. A Signios também os acolheu, os colocando sob a sua proteção. Ao romper a fronteira do egocentrismo, novamente começaram a evoluir, explorando uma nova realidade.

Nasceu então a Nova Humanidade.

Terra – Ano 1007 da Nova Humanidade – América do Sul – Cidade de Cristo, sob as ruínas do antigo Rio de Janeiro.

— A Antiga Humanidade se tornou muito dependente da tecnologia que desenvolvia, criaram maus hábitos, eram cada vez mais sedentários, e buscavam cada vez menos autoconhecimento. Esses foram alguns dos motivos que fizeram eles perderem muitas de suas habilidades naturais – explicava um professor jovem, caucasiano, de cabelos e olhos castanhos. — Em outras eras, nós construímos grandes mecanismos e estruturas, as Pirâmides, o Stonehenge, as estátuas da antiga Ilha de Páscoa, são apenas alguns exemplos.

O educador se dirigia a uma turma de crianças, entre onze e doze anos de idade. Todos sentados em cadeiras metálicas fixadas ao chão, tanto o assento como o encosto eram acolchoados. As mesas, a sua frente, eram cromadas, sua superfície era um monitor de imagens em três dimensões.

Os alunos estavam dispostos em sete fileiras, dentro de uma pequena sala de paredes metálicas, com um par de grandes janelas à direita e esquerda. A lousa também era digital, e utilizando-se de uma caneta especial, o tutor criava uma árvore de ideias sobre o assunto que tratavam.

Como era de se esperar, alguns pareciam interessados, em contraparte aos que não estavam, e outros pareciam simplesmente dispersos. O professor mantinha o entusiasmo, tentando conquistar o interesse da turma. Logo ele notou um dos alunos com a mão erguida.

— Adiante, Marte.

— Professor, eu tenho uma curiosidade... – Marte era um garoto moreno, de cabelos negros arrepiados. Seu rosto era pouco expressivo, vestia trajes escuros, e usava um par de óculos de lentes escuras. — A Antiga Humanidade acreditava em muitas origens pra nossa espécie, algumas completamente absurdas – afirmava com ar de arrogância, com um movimento maníaco, ajustava os óculos no rosto. — Depois de pesquisar um pouco, vi que muitos mencionavam o termo “*humanides*”. Gostaria de saber quem exatamente são eles.

— Como sempre, você está adiantado, Marte... – ele aparentava satisfação. — A princípio esse planeta era habitado por diferentes espécies de criaturas, que nós conhecemos como “animais”. Essas bestas não tinham desenvolvido inteligência, eram guiadas pelos seus instintos. Nós

somos descendentes daqueles que povoaram e colonizaram este planeta: *os humanides*. Entre os livros antigos, dois nomes se destacam: Adão e Eva, conhecidos como “pais da humanidade”. Infelizmente, não temos um conhecimento detalhado da história por trás da chegada deles. Havia algo na sua pesquisa que possa complementar o que eu disse?

— A história deles é realmente curiosa... — ele novamente ajustou seus óculos. — Dizem que eles vieram buscar um refugio pro seu amor proibido, e a princípio chamaram este planeta de Paraíso, mas eles também causaram o que conhecemos como Primeiro Apocalipse, um dos maiores desastres da nossa história. Apesar de ser um mistério o que provocou o desastre, ou as consequências que vieram dele.

— Impressionante! Você realmente foi fundo com essas pesquisas — o professor parecia chocado, mas não surpreso.

— Que tédio! Parece uma conversa entre dois professores! Toda vez que o Marte abre a boca acaba assim — sussurrou um garoto caucasiano, loiro, dos olhos verdes, trajando roupas claras com tons amarelados.

— Não seja tímido, Lucian. Por que não fala mais alto, pra que todos possam escutar suas dúvidas e ajudar a resolvê-las? — ao ouvir aquelas palavras, Lucian sentiu um frio subindo a espinha, escutaram-se risadas ao fundo, o deixando sem graça. — Vamos. Estamos ansiosos pela pergunta! — o tutor o ameaçou com um sorriso forçado.

— Errr... É... Que... — ele procurava rapidamente em sua mente pelas palavras que pudessem salvá-lo. — Quais são... As diferenças entre nós e os humanides? Se somos descendentes deles, por que a nossa espécie tem um nome diferente? — suave frio, as mãos tremiam, mas a pergunta improvisada surpreendeu a todos.

— Excelente pergunta! Vejo que estava atento aos detalhes, Lucian! — o tutor estava satisfeito, de certa forma, surpreendido. — Os humanides foram umas das primeiras espécies que surgiram no universo, formando parte das *Nações Primordiais*, as primeiras civilizações a surgirem. A maioria delas desapareceu, ou foi extinta. Junto com outras quatro espécies, os humanides são parte da *Hierarquia Primordial*, as únicas espécies que mantiveram sua linhagem original, e até hoje, eles conservam a sua pureza, evitando contato com outras raças. A razão pela qual somos nomeados de forma diferente é por sermos descendentes deles que se desenvolveram nesse planeta.

— Isso é bastante contraditório... – comentou outro aluno, pensativo.

— Por que você acha isso, Gabriel? – indagou o educador.

— Se eles queriam manter a pureza, por que vieram pra cá? – Gabriel era um garoto caucasiano, de cabelo e olhos castanhos, a sua expressão era de um garoto curioso e meigo. Estava trajado em roupas claras, seu braço direito estava enfaixado. — Pelo que entendi, eles davam muita importância em manter sua linhagem original, quase como se fosse uma lei. Então, por que deixaram seu planeta natal, sabendo que encontrariam outras espécies aqui?

— Como expliquei antes, não conhecemos a história de Adão e Eva, o único que sabemos é o que Marte acabou de comentar. Outro fato curioso é que eles deram ao nosso planeta o nome de Éden, e entre os poucos relatos escritos por eles que nós encontramos, eles o caracterizaram com uma grande beleza, mas entre os muitos conhecimentos mal interpretados estava esse nome, que foi considerado o nome de um jardim místico, por causa das descrições da sua beleza, e na verdade se tratava da paisagem original do nosso mundo.

— Por que a Antiga Humanidade foi destruída? Pelo que o senhor disse, eles nem eram uma ameaça – Gabriel demonstrava interesse.

— Vejo que estão bastante participativos hoje – o professor se empolgava com o interesse da classe. — Existem muitas interpretações para a causa daquele massacre. Como todos devem saber, os responsáveis pela queda da Antiga Humanidade foram os *lowders*, outra das cinco espécies que fazem parte da Hierarquia Primordial. Foram eles que iniciaram *Omi Nios*, e atualmente estão no topo do conflito, tanto em poder bélico como militar. Eles já devastaram dezenas de nações depois da nossa, e a maioria acredita que eles querem aniquilar todas as outras espécies, para que a Hierarquia Primordial seja soberana, apesar de que as outras quatro nações não se envolveram no conflito, ou apoiou eles, o que mostra que não compartilham do mesmo pensamento.

— Não faz muito sentido – comentou Marte. — Eles parecem com os tais nazistas que começaram a Segunda Guerra Mundial. Se acham no direito de fazer o que querem, só porque se sentem superiores.

— É uma interessante comparação... – admitiu o professor, mas antes que pudesse continuar, o sinal tocou, encerrando a aula. — Infelizmen-

te, a aula acabou, amanhã continuaremos com o tema, espero o mesmo entusiasmo e interesse que vi hoje. Até amanhã. Podem sair!

O tutor recolheu seus objetos pessoais e se retirou. Os alunos guardaram os seus materiais, e as pressas começaram a sair da sala.

O garoto chamado Gabriel se reuniu com Marte e Lucian, juntos se dirigiram para fora da sala, caminhando em direção à saída da escola.

— Finalmente liberdade! – Lucian espreguiçou-se. — Que tédio! Eu já tava ficando cansado!

— Eu achei divertido. As aulas do professor Daniel são ótimas! Adoro as classes de história! – disse Gabriel.

— Às vezes cê parece um nerd! Eu só quero chegar em casa e dormir, sério, eu tô morrendo de sono hoje!

— Mas você tá com sono todos os dias...

— A culpa não é minha se a aula é um tédio e me deixa com sono!

— Você sabe que temos que entregar nosso trabalho sobre tecnologias modernas amanhã, né? – Marte o questionou, espantando-o.

— Droga! – Lucian se desesperou. — Eu esqueci completamente!

— Não que isso seja novidade... – Marte ajustou seus óculos.

— E justo o trabalho do professor Walmir! Minhas piores notas são de Tecnologia! Quem teve a ideia de inventar essa matéria idiota?! Eu não preciso saber nada disso! Ele só fica falando como a tecnologia ajudou a gente a conseguir água potável, construir nossas cidades, blá, blá, blá. É sempre a mesma coisa, tudo isso é muito chato!

— Não diga isso. Tudo o que aprendemos é importante. Pelo menos é o que minha mãe sempre diz... – Gabriel não pareceu muito convicto de suas próprias palavras.

— Não adianta, Gabriel, ele é só um idiota fracassado. Se passar muito tempo com ele, pode acabar pegando a burrice dele... – Marte mantinha-se sempre indiferente.

— Ninguém pediu sua opinião, quatro-olhos! Eu vou ser um soldado! Um guerreiro! Meus punhos são tudo que eu preciso!

— Combina com você. Talvez eles até te usem como isca.

— Você tá a fim de perder os óculos, é?! – ameaçou com os punhos.

— Cai dentro, cabeça de vento!

— Parem com isso! – Gabriel interviu. — Ou eu vou bater nos dois!

— A culpa é dele! Foi ele quem começou! – Lucian se irritou, Marte simplesmente o ignorou.

— Tentem não se matar enquanto eu não tiver por perto. Não vou poder sair hoje à tarde também. Tenho aula com o senhor Kazékiu, de novo... – Gabriel aparentou desanimo.

— De novo?! – Lucian pareceu desapontado. — Tem duas semanas já que você tem treinado sem parar. Por que não pede uma folga?

— Não posso fazer nada. O treino tem ficado cada vez mais difícil... O senhor Kazékiu tem pegado pesado, mas ele diz que se quero me juntar a Signios algum dia: “*Precisa praticar arduamente todos os dias!*” – ele alterou a voz, tentando imitar seu instrutor. — Apesar do treinamento ser divertido, sinto falta do meu tempo livre, de ir no parquinho.

— Que droga! Já vi que vou ter que arranjar outra coisa pra fazer hoje, além de dormir – suspirou, desviando o olhar para Marte. — Talvez...

— Nem pense nisso! – Marte reagiu. — Tô indo pra casa, não vou passar o dia todo com um idiota como você – com frieza, deu meia-volta e tomou outro caminho. — Até amanhã, Gabriel.

— Por que ele é sempre tão cruel comigo? – desanimado.

— É só o Marte sendo ele mesmo – Gabriel riu. — Tenho que ir! Não quero chegar atrasado. Vou tentar conseguir uma folga, mas não prometo nada! – ele correu para outra direção. — Até amanhã, Lucian!

— Tá bom... Até... Amanhã... – respondeu Lucian, cabisbaixo.

A Cidade de Cristo encontrava-se quinhentos metros abaixo do solo, o lugar havia sido construído sob uma enorme cúpula, em seu interior, os humanos sequer notavam viver abaixo da terra, projetores holográficos recriavam com perfeição o céu azul da superfície, com nuvens em constante movimento, era quase impossível notar diferença.

A ventilação era feita por vários purificadores de ar, localizados em diversos pontos da cúpula, mas todos ocultados pela projeção. De vez em quando, era possível sentir uma leve brisa batendo o rosto, e movendo a grama artificial que cobria o chão.

O perímetro não era muito grande, a população era de aproximadamente quinze mil habitantes. As moradias eram construídas com o uso de ligas metálicas revestidas com madeira, em geral pequenas, cada uma decorada de forma única, nenhuma igual à outra.

Entre os prédios que se destacavam estava à Escola Central dos Filhos do Futuro, um enorme edifício de forma retangular, localizado ao sul da cidade. Pelas manhãs o instituto era frequentado apenas por crianças, no restante do dia, era aberto para qualquer um que buscasse aprender e se especializar em alguma área do conhecimento.

Ao centro, encontrava-se a Prefeitura, uma construção colossal de três andares, em seu topo, havia três bandeiras penduradas: a primeira era verde, nela estava desenhado um losango amarelo, no centro deste, uma esfera azul. A segunda era branca, em seu centro, uma cruz prateada. E a terceira era dourada, com o desenho de um par de asas com uma espada entre elas, sobreposta pelo símbolo do infinito.

Ao norte, se encontrava um local especializado no cultivo de vegetais, frutas e verduras, enormes árvores e extensos cultivos acompanhavam o cenário rural. Ao lado, também havia uma pequena área para a criação de alguns animais, como porcos, galinhas e vacas.

Perto do mesmo local, notava-se a entrada para uma pequena gruta, esta levava ao rio subterrâneo que alimentava toda a comunidade. A água era enviada as casas através de inúmeros canos, passando por diversos filtros que purificavam qualquer impureza presente no líquido.

Ao leste, se encontrava o cemitério, se notava uma pequena movimentação de pessoas, que visitavam os túmulos de seus entes queridos. E ao oeste estava à única saída e entrada da cidadela, um enorme portão de ferro maciço, de quase dez metros de altura.

Gabriel se encontrava em outro edifício, justo ao lado de sua escola, a poucos metros de distância. A Academia Próxima Geração, onde crianças e adultos humanos recebiam treinamento duro e árduo todos os dias com o intuito de explorar e aprimorar suas habilidades naturais, e aprender técnicas de combate para defesa pessoal, seja para a proteção de sua cidade, ou com o objetivo de adentrar a Signios e fazer parte das linhas de frente na guerra.

O garoto de apenas onze anos, apesar de pequeno e magro, demonstrava uma força impressionante, ao levantar enormes quantidades de peso,

e fazer séries de exercícios sem apresentar grandes dificuldades. Após o aquecimento, ele iniciou suas aulas de combate básico.

“Me pergunto quantos anos ainda vou ter que treinar antes de finalmente poder visitar a superfície...”, refletia Gabriel, *“Quero muito conhecer o que tá lá em cima. Dizem que nossa cidade recebeu seu nome por causa de um antigo monumento que resistiu a destruição. Pros sobreviventes foi um símbolo de esperança, e a gente tá bem em baixo dele, o lendário Cristo Redentor”*, mesmo perdido em pensamentos, ele continuava com o treinamento, sem falhas, *“Algum dia vou ver ele de perto, vou conhecer a luz do sol, o mar, o céu, as nuvens, a chuva, e as estrelas. Tudo que vi nas histórias que eu lia”*, os olhos brilhavam, era um mar de sonhos sem fim.

— Gabriel... Gabriel! – gritou um senhor pacato, caucasiano, aparentava estar na casa dos sessenta, cabelos grisalhos, e olhos azuis. Trajava o que parecia um uniforme branco, que carregava o símbolo de uma cruz de prata no centro do peito. Ele se apoiava em um cajado prateado.

— Que foi?! Que aconteceu?! – o garoto se assustou.

— Preste mais atenção! Pare de se distrair no meio do treinamento! – severo. — Você deve sempre manter o foco, qualquer distração em uma batalha pode ser fatal. De qualquer forma, já acabamos com esse exercício. Vamos pra outra sala, mais duas horas de meditação e acabamos.

— A pior parte do dia... – desanimou-se.

— Não quero ouvir reclamações! Meditar é importante pro autocontrole, pra mente, e pro descanso do corpo. Algum dia você verá que tenho razão, jovenzinho.

— Você sempre diz isso. Vamos começar logo, eu quero ir pra casa, tô morrendo de fome já.

— Preciso resolver um assunto de última hora, mas você já tá acostumado com o exercício, pode fazer sozinho. É só lembrar tudo o que já te ensinei. Eu irei lá pra ver seu progresso depois.

— Tá bom, pode deixar, eu já sei o caminho – Gabriel passou por uma porta automática, deixando o local.

— Esses jovens de hoje em dia são muito impacientes... – suspirou. — Já pode parar de se esconder. Pensei que depois de tanto tempo, você tivesse ansioso pra vê-lo, Senji.

— Não era um momento muito adequado, afinal, acabei de chegar... — disse o homem que estava escondido por trás de uma parede. — Eu vou vê-lo em casa mais tarde... — Senji era moreno, de cabelos negros, olhos castanhos, trajado em roupas marrom, com uma manta rasgada por cima dela, carregava em sua mão uma velha mochila. — Tô acabado, foi uma longa viagem.

— Eu imagino... Seja bem vindo de volta — com um aperto de mãos, se cumprimentaram.

Os humanos da Nova Humanidade viviam momentos de paz.

Em algum lugar do universo – Desgárria, a Fortaleza dos Lowders –
Era da Oitava Conflagração, Tempus Chronus 2.370.567.

— Pare de ocultar sua presença, e diga de uma vez o que quer comigo! — pronunciou-se uma voz grave, de uma besta enorme com quase quatro metros, andava sobre dois pés. Ele se encontrava em um aposento escuro, de frente a uma escotilha que dava ampla vista do espaço sideral. — Posso sentir seu cheiro desagradável a quilômetros!

— Que rude... Isso não é forma de tratar uma dama. E não fale comigo como se fosse qualquer uma... — pronunciou a voz de uma fêmea, escondida entre as sombras do local.

— A que devo a visita?! — soou arrogante.

— Tenho informações que podem ser de grande importância para seus planos... — se escutaram passos. — Na verdade, não são notícias agradáveis — uma mão acariciou o rosto da fera.

— Vá direto ao ponto, e diga de uma vez do que se trata!

— Minhas fontes confirmaram o que você mais temia que acontecesse, a existência de uma aberração entre os humanos.

— Isso é impossível! — ergueu a voz, esboçou fúria.

— Parece que exterminar os seres humanos foi perda de tempo, afinal.

— Você tem certeza absoluta?! — pareceu frustrado.

— Minhas fontes são extremamente confiáveis. Não há engano.

— Eu pensei que isso tivesse sido solucionado quando destruí aquela raça medíocre! — irritou-se. — Se o que diz é verdade, tomarei todas as medidas que forem necessárias pra que não se torne um problema!

— Mesmo sendo território da Signios, sobproteção da Assembleia?

— Eles não serão um obstáculo! Nunca foram!

— Nesse caso, estou contando com você, Garo! – a voz começou a desaparecer no vazio. — Lembre-se, esse problema não é só seu, se falhar, todos teremos problemas, e *ele* ficará bastante insatisfeito... – se escutou uma risada ao fundo, o som se extinguiu.

— Não permitirei que nada entre no meu caminho! – declarou.

A besta de nome Garo ficou agitada diante das palavras que lhe foram ditas. Omi Nios estava para tomar um novo rumo. Os lowders se moviam com um objetivo ainda desconhecido.

Localização desconhecida.

— Finalmente começou... – o indivíduo caminhava sobre o vácuo, trazendo roupas brancas, de cabelo largo e cachecol comprido envolvendo-lhe o pescoço. — A contagem regressiva para o fim! – sorriu.